

# Aplicação do conceito de racionalidades médicas no sistema de cura novaerista

Application of the concept of medical rationalities to the new era healing system

*Fábio L. Stern\**  
*Ana Luisa Proserpi Leite\*\**  
*Sabrina Alves\*\*\**  
*Carlos Bein\*\*\*\**

Recebido: 26/09/18.

Aprovado: 10/10/18

## Resumo:

Esse estudo investiga se o modelo de cura do movimento da *Nova Era* pode ser entendido como uma racionalidade médica, categoria criada para analisar sistemas médicos complexos que vem sendo utilizada em pesquisas sobre religião e saúde. Para tanto, foram investigadas publicações acadêmicas que abordavam o tema da saúde no movimento da *Nova Era*, identificando nessas produções itens que podem ser compreendidos de acordo com as categorias analíticas da teoria adotada. A análise permitiu declarar que o sistema médico da Nova Era possui concepção de morfologia própria, concepção de dinâmica vital própria para explicar o funcionamento do corpo humano, doutrina médica própria, sistema diagnóstico, sistema terapêutico e também possui cosmologia própria. Logo, pode ser entendido como uma racionalidade médica.

---

\* Fábio L. Stein, doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP) e bolsista da CAPES. E-mail: caoihim@gmail.com.

\*\* Ana Luisa Proserpi Leite é mestra em Ciência da Religião. E-mail: isaproserpi@hotmail.com.

\*\*\* Sabrina Alves é mestranda em Ciência da Religião. E-mail: alves.sabrina@gmail.com.

\*\*\*\* Carlos Bein é mestre em Ciências da Religião (PUC-SP). E-mail: carlosbein@uol.com.br.

**Palavras-chave:** Racionalidade médica, Movimento da *Nova Era*, Sistemas médicos complexos, Religião e saúde.

**Abstract:**

This study investigates whether the healing model of the New Age movement can be understood as a medical rationality, category designed to analyze complex medical systems that has been used to research religion and health. For that purpose, we investigate academic publications that addressed the theme of health in the New Age movement, identifying in these productions the items that can be understood accordingly to the analytical categories of the adopted theory. The analysis allows to state that the New Age medical system has its own conception of morphology, its own vital dynamics to explain the functioning of the human body, its own medical doctrine, a diagnostic system, a therapeutic system and its own cosmology. Thus, it can be understood as a medical rationality.

**Keywords:** Medical rationality, New Age movement, Medical complex systems, Religion and health.

**Introdução.**

Desde o século XVIII é notado um forte movimento de regulamentação das práticas da saúde na Europa e nas Américas. Essa mobilização, que culmina na ideia de que existe uma única medicina verdadeira, gerou noções de que as medicinas outras, não pautadas no cientificismo iluminista como a medicina alopática, deveriam ser combatidas por serem *charlatanismos*. Por trás dessa resistência jaz, dentre outros motivos, o fato de grande parte do que se entende por *medicina popular* ser análogo à *medicina religiosa*, indo de encontro com o ideal do médico-cientista, defendido desde então (LAPLANTINE, 2010). Contudo, a crise do reducionismo e do paradigma mecanicista médico, observada em especial após o século XX, permitiu um ressurgimento social desses sistemas médicos paralelos à medicina oficial.

No campo das ciências sociais, buscando um maior entendimento dessas práticas não hegemônicas de cura e sua incorporação nos sistemas institucionais de saúde, o conceito de racionalidades médicas foi desenvolvido, a partir de um grupo de pesquisa que iniciou sua trajetória na década de 1990; coordenado por Madel Therezinha Luz e registrado no CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa Científica) com o nome de *Racionalidades Médicas e Práticas de Saúde*. Sua origem se deu no Instituto de Medicina Social da UFRJ, com o objetivo de contribuir primordialmente para reflexões no campo da saúde coletiva.

Até agora, cinco sistemas médicos complexos foram estudados por esse gru-

po: (1) a medicina alopática, (2) a homeopatia, (3) a medicina chinesa, (4) a *ayurveda*, e (5) a medicina antroposófica (LUZ e BARROS, 2012, p. 19). Mas por se tratar de um modelo aberto, outros sistemas podem ser analisados como possíveis racionalidades médicas.

Uma prova disso é a inclusão recente da medicina antroposófica nesses estudos, desconstruindo um pressuposto da própria criadora do modelo, de que a antroposofia não poderia ser uma racionalidade médica por derivar de uma tradição religiosa (LUZ, 2005, p. 55), como se a medicina chinesa, com sua histórica relação com a alquimia daoísta, ou a *ayurveda*, pautada nos Vedas, não fossem relacionadas à religião. Luz ignorava que as medicinas são eivadas de pensamentos religiosos, e que do ponto de vista da história das religiões a anomalia social é a medicina alopática, em sua emancipação sem precedentes do pensamento religioso (HANEGRAFF, 1996, p. 46). Além disso, a saúde é um tema corriqueiro nas religiões, explorado por diversas concepções teológicas (SULLIVAN, 2005). Sendo assim, Luz revisou sua teoria, admitindo a importância da cosmologia, incluindo em seu modelo analítico tais considerações, o que permitiu que a antroposofia fosse também analisada como uma racionalidade médica.

Isso, evidentemente, abriu margens para que cientistas das religiões elaborassem considerações importantes sobre a categoria racionalidade médica, aplicando-a a outros contextos não previstos originalmente pelo grupo do Rio de Janeiro<sup>1</sup>. No presente artigo, as concepções de saúde nos meios novaeristas são investigadas através desse modelo analítico, visto que a preocupação pela cura é considerada como um dos aspectos mais importantes do movimento da *Nova Era* por diversos estudiosos do tema (HANEGRAFF, 1996; AMARAL, 2000; D'ANDREA, 2000; HAMMER, 2006; GUERRIERO *et al.* 2016; GUERRIERO, STERN, BESSA, 2016).

Nosso artigo foi estruturado objetivando investigar se o modelo de cura da *Nova Era* pode ser compreendido como uma racionalidade médica. Inicialmente é apresentada uma introdução sobre o que entendemos por Nova Era, seguida por uma explicação do que é uma racionalidade médica. Posteriormente são elencados textos acadêmicos sobre saúde na Nova Era, analisando-os com o que se pressupõe em cada categoria de uma racionalidade médica. Os textos selecionados são todos posteriores à década de 1990, quando já se pressupõe a difusão do *ethos* da Nova Era. Ao final, também é anexada uma tabela que resume os elementos dessa possível racionalidade médica.

<sup>1</sup> Um exemplo evidente é uma dissertação do PPG em Ciência da Religião da UFJF que utiliza a categoria racionalidade médica para estudar a apometria, de modo bem mais amplo que o empregado originalmente e em um objeto até então jamais explorado pelo grupo de Luz (*cf.* Mendonça, 2013).

## 1. A difusão do *ethos* nova era.

É importante traçar um panorama da Nova Era nos dias atuais. Uma associação restrita ao movimento *hippie*, à contracultura e a uma escatologia que prevê a aurora de um mundo idealizado, dentro dos moldes da chamada Era de Aquário, não é mais um quadro preciso daquilo que, atualmente, é percebido como um fenômeno difundido mais amplamente.

Em consonância com Guerriero e colaboradores (2016) e com Guerriero, Stern e Bessa (2016), a Nova Era sofreu grandes transformações. Não obstante as correntes mudanças do meio – todo fenômeno social é impactado por seu percurso histórico –, o presente artigo parte da tese levantada pelos autores acima, de que a cultura novaerista está hoje estruturada sobre um conjunto de valores que, com o auxílio do capitalismo, foi absorvido pela cultura mais ampla. Assim, mesmo que em sua gênese fossem mais característicos grupos novaeristas sectários e com visões milenaristas, atualmente é possível encontrar valores e atitudes precedentes da Nova Era manifestados por pessoas de distintas (ou ainda nenhuma) pertencas religiosas. Esse conjunto de valores difuso na população constitui o que esses autores chamaram de *ethos nova era*.

Hanegraaff apresenta uma reflexão semelhante, ao distinguir *Nova Era em sentido estrito* de *Nova Era em sentido amplo* (HANEGRRAAFF, 1996; 2005). Por Nova Era em sentido estrito é entendido aquilo que se relaciona mais proximamente com a noção de Era de Aquário, cujas atividades e reflexões giravam em torno da aspiração por um mundo ideal, no qual o materialismo seria substituído por uma visão unitarista. As sociedades alternativas novaeristas surgiram nesse contexto, em uma tentativa de antecipar essa utopia. Já Nova Era em sentido amplo está mais voltada à preocupação pela transformação interna das pessoas, carregando a espera pelo mundo ideal apenas no nome, motivo pelo qual Woodhead e Heelas (2000) preferem o termo *espiritualidades de vida*<sup>2</sup>. Esse sentido mais amplo da Nova Era está menos associado à contracultura. Conforme seus simpatizantes passaram a se comunicar com outros movimentos alternativos, paulatinamente perderam os ideais milenaristas da Era de Aquário.

A difusão das terapias holísticas é um reflexo de como os valores da Nova Era estão atualmente dispersos pela cultura mais ampla. São, hoje em dia, facilmente notadas noções novaeristas dentro dos mais diversos grupos e nichos mercadológicos da área da saúde, ainda que seus sujeitos não aludem

<sup>2</sup> Woodhead e Heelas consideram que *Nova Era* é um termo muito carregado emocionalmente, posto ser associado por agentes internos e externos ao grupo com uma forma de espiritualidade consumista e superficial (Woodhead, Heelas, 2000). Todavia, os termos *espiritualidades de vida* e *Nova Era* (em sentido amplo) podem ser sobrepostos em relação à correspondência de suas ideias.

objetivamente ao termo, *Nova Era*. Alguns exemplos são as ideias de que a medicina deve tratar o indivíduo como um todo, de que a espiritualidade é algo inerente ao ser humano e é moldada de acordo com a orientação pessoal, de que há a necessidade de reconexão do sujeito com a natureza e consigo mesmo, e de que uma visão holística proporcionará equilíbrio e cura. A isso Guerriero e colaboradores (2016) e Guerriero, Stern e Bessa (2016) se referiram como a formação de um *ethos* novaerista na sociedade mais amplas.

Essa distinção é mister para o escopo dessa e de outras pesquisas que venham a falar sobre Nova Era, pois há uma tendência à crítica, nas ciências sociais da religião, sobre a utilização da categoria *Nova Era* como um a priori analítico, no que tange à oferta e utilização de terapias alternativas. Citando o exemplo de Toniol (2015a; 2015b), esse pesquisador defende que a categoria peca na abrangência de sua potencia descritiva, pois o vínculo estabelecido entre as terapias alternativas e o esoterismo da *Nova Era* obliterou, no âmbito das pesquisas acadêmicas, a emergência de processos ligados às medicinas não hegemônicas que se contrapõe às perspectivas como aquelas voltadas à noção de *Nova Era* em sentido estrito; em outras palavras, que as concebem como não institucionalizadas, tradicionais e marginais à ciência. A criação de sindicatos e a busca pela regulamentação de profissões relacionadas a essas práticas, a inserção do ensino dessas terapias em universidades e a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS são alguns dos exemplos citados por Toniol que iriam à contra-mão dos pressupostos novaeristas, dado que indicam um esforço por sua inserção nas vias hegemônicas de saúde. Outro argumento exposto por ele diz respeito à escassez de sujeitos que se identificam objetivamente como novaeristas: o autor relata jamais ter ouvido em campo qualquer menção desses profissionais à Era de Aquário, hipótese Gaia, Esalen ou à contracultura, enquanto debates sobre artigos publicados internacionalmente, metodologias de pesquisas sobre espiritualidade e saúde, a importância da criação de revistas científicas e comentários sobre projetos de lei eram correntes (TONIOL, 2015a; 2015b). Em virtude desses discursos que associam terapias holísticas e ciência, emergem as críticas acerca da utilização da *Nova Era* como chave analítica para tais fenômenos.

No entanto, é comum à Nova Era a amálgama de elementos científicos e religiosos como meio de busca por legitimação de seu discurso. O apelo à física quântica é lugar-comum para equiparar matéria e energia, corpo e espírito, ou para *comprovar* o poder da consciência. Defende-se a busca por um novo paradigma científico, entendendo que a ênfase racionalista e dualista do modelo cartesiano será substituída por uma ciência integrada à espiritualidade. Pessoa Jr. (2011) utiliza o termo *misticismo quântico* para se referir às propostas de estender a mecânica quântica para além dos domínios da física. Hanegraaff (1996; 1999) chama de *mitologias*

da ciência a ressignificação de elementos científicos a partir de saberes populares. Historicamente, esse fenômeno remete às comparações entre a física quântica e o misticismo asiático bastante difundido por Fritjof Capra, Michael Talbot, Amit Goswami e Deepak Chopra; todos autores ainda relativamente populares em meios acadêmicos que debatem as terapias alternativas (HANEGRAAFF, 1996). Assim, embora grupos ligados às terapias holísticas possam se referir hoje à ciência como sendo a legitimadora de suas práticas e relegando a segundo plano seu caráter de oposição à hegemonia, esse fato está incutido na noção de *Nova Era* em sentido amplo e na propagação de um *ethos* originado da mesma. É a partir desse pressuposto que a *Nova Era* é utilizada nessa pesquisa.

## 2. Racionalidades médicas.

O desenvolvimento da teoria das racionalidades médicas começou como um estudo comparativo entre a medicina alopática e a homeopatia, com o intuito de estabelecer categorias de análise entre os dois grupos. Posteriormente, outros sistemas de saúde foram incorporados. Resumidamente, racionalidade médica é um sistema médico complexo, construído racionalmente e empiricamente, entendido como um conjunto estruturado em seis dimensões interdependentes: (1) uma morfologia humana, (2) uma dinâmica vital, (3) uma doutrina médica, (4) um sistema de diagnóstico, e (5) um sistema terapêutico, tudo isso embasado por (6) uma cosmologia, que pode ser implícita, explícita ou parcialmente explícita à própria racionalidade (LUZ, 1995; TESSER, BARROS, 2008; LUZ, 2011).

A dimensão *morfologia humana* correspondente ao que é chamado na medicina alopática de *anatomia*. Diz respeito às estruturas e aos elementos constitutivos do corpo humano, ou seja, aquilo que será o objeto da intervenção terapêutica (LUZ, BARROS, 2012). Em outros sistemas médicos complexos, a perspectiva dessa dimensão pode ser ampliada. A exemplo da medicina chinesa, o corpo humano também é entendido através da teoria dos canais e meridianos dos pontos de acupuntura.

A segunda dimensão, *dinâmica vital*, pode ser vista como uma categoria análoga ao que se conhece como *fisiologia* na medicina alopática, aquilo que é entendido como o funcionamento normal de um organismo saudável (LUZ, BARROS, 2012). No sistema alopático, diz respeito às funções das partes do corpo físico. Em outros sistemas, podem ser encontrados também entendimentos de uma *fisiologia energética*. Por exemplo, a dinâmica vital da *āyurveda* compreende a circulação do *prāna* e das demais energias nos *corpos*, além do equilíbrio dos *doṣas*.

A *doutrina médica* diz respeito às formulações sobre a natureza do adoecimento, o que é considerado saúde e doença em um sistema médico complexo (LUZ, BARROS, 2012). São essas considerações que definem o que pode ou

não ser tratado (NASCIMENTO, NOGUEIRA, 2013). Na medicina alopática a doutrina médica é a teoria das causalidades e a partenogênese celular. Na *āyurveda* e medicina chinesa, a doutrina médica envolve, dentre outros, o movimento ou bloqueio de energia vital por canais pelo corpo.

Sobre o *sistema de diagnóstico*, o termo *diagnose* remete, em um primeiro momento, ao modelo clássico hegemônico da medicina alopática de investigar e descobrir a doença do paciente. Porém, a origem grega da palavra significava conhecer através do discernimento. Essa dimensão diz respeito àquilo que deve ser destacado e compreendido na intervenção médica (Luz, Barros, 2012). Em uma racionalidade médica, é entendido como o momento em que se buscam as causas e as formas do que precisa ser tratado.

O *sistema terapêutico* diz respeito à ciência de cuidar o indivíduo, a maneira como os processos de saúde e doença serão atendidos, esteja a pessoa doente ou não (LUZ, BARROS, 2012). Na medicina alopática, a terapêutica é pautada majoritariamente em cirurgias e medicações. Em outros sistemas complexos de saúde, uma pleora de práticas pode ser utilizada com essa finalidade. É preciso ressaltar que existem diferenças fundamentais sobre as concepções de saúde e de doença entre os diferentes sistemas médicos complexos, que quando comparadas podem ser, inclusive, conflitantes. Na medicina alopática, saúde e doenças são vistas como duas categorias dicotômicas. Contudo, nas medicinas vitalistas a saúde e a doença são entendidas como uma manifestação unificadora (LUZ, 1995).

Por fim, a *cosmologia* diz respeito à concepção de mundo que embasa uma racionalidade médica: seu universo, sua noção de ser humano e suas relações com o meio (Luz, Barros, 2012). Enquanto a medicina alopática contemporânea está baseada na física newtoniana, as demais racionalidades médicas estão pautadas nas noções de universo do modelo teórico-experimental da cultura que lhes originou, as quais possuem inegável fundo religioso.

Apesar de ser a última dimensão a ser historicamente incluída nas pesquisas de racionalidades médicas, por dizer respeito aos pensamentos que embasam teoricamente qualquer sistema complexo de saúde, a cosmologia será apresentada em primeiro lugar nesse artigo. Em sequência, as outras cinco categorias serão retratadas.

### 3. Cosmologia.

Em seu trabalho, Luz define que a cosmologia que fundamenta um sistema médico complexo é uma expressão de concepções simbólicas (LUZ, 2012). Na medicina alopática o modelo cosmológico é a física newtoniana, particularmente em seus aspectos mecânicos, pela metáfora cartesiana que compara o corpo a uma máquina.

Trata-se, portanto, de uma cosmologia estritamente científica. Mas a pesquisa original de Luz se deparou também com o problema das cosmologias presentes na homeopatia, nas medicinas asiáticas e posteriormente na medicina antroposófica, as quais possuem raízes religiosas. Isso é de todo relevante dado que na cosmologia da *Nova Era* se apresenta o mesmo problema: há grande relevância do aspecto espiritual.

A cosmologia novaerista tem como origem o esoterismo ocidental. Refutado tanto pelo cristianismo tradicional quanto pelo racionalismo Iluminista, o pensamento esotérico veio ao encontro dos movimentos contraculturais do século XX, que viram nele o resgate de um conhecimento rejeitado. O fortalecimento dos ideais esotéricos entre norte-americanos e europeus deu origem às primeiras manifestações do que viria a ser a *Nova Era* em sentido estrito. Da combinação de elementos religiosos esotéricos, asiáticos e de conceitos da psicologia surgiram concepções de que os deuses são projeções da mente humana. Embora Freud e Feuerbach tivessem lançado hipótese similar no início do século XX, a *Nova Era* descartou as premissas ateístas desses autores, de modo que Deus passou a ser visto com uma parte integrante do *self*. Com a dedução de que as divindades são projeções da inconsciência, o próprio ser humano foi visto como um ser divino. O cosmo passou a ser entendido como uma inteligência superior imanente, a qual todos podem acessar a partir de uma conexão saudável com seu *self* (GUERRIERO et al., 2016; HANEGRAFF, 1996).

Cabe destacar, no entanto, que o esoterismo da *Nova Era* é um esoterismo secularizado, caracterizado por misturas híbridas das visões de mundo do esoterismo ocidental e do cientificismo. Esse processo tem como consequência a aparição de espiritualidades seculares, clamando pela libertação das estruturas religiosas de poder e pelo fim da aceitação dos dogmas religiosos. A religião se torna uma questão de escolha individual, e muito do discurso científico passa a ser utilizado como *comprovação* ou *validação* dos saberes espirituais (HANEGRAFF, 1996; 1999).

Toda a cosmologia novaerista é articulada pela noção de *holismo*, neologismo inventado por Jan Smuts na década de 1920. Originalmente a palavra *holismo* foi descrita como uma característica natural do universo de formar totalidades. Essas totalidades seriam maiores que a soma de suas partes, o que significa que ainda que o todo possa ser decomposto, não é possível compreender adequadamente a natureza estudando apenas as suas partes desassociadas. Dessa forma, a ciência precisaria rever seus métodos se desejar atingir um entendimento propício sobre como o mundo funciona, buscando uma abordagem holística (SMUTS, 1927).

O espírito contracultural de 1960 fez com que a *Nova Era* cooptasse a noção de holismo, identificando nela uma forma válida de crítica à *velha ciência*. Como a física newtoniana não é inclusiva ao aspecto espiritual, os novaeristas a consideraram um modelo científico ultrapassado, que força o objeto a um reducionismo metodológico que contamina a compreensão da realidade. Logo,

não é surpreendente que os novaeristas passaram também a criticar o modelo biomédico, que é pautado na física newtoniana.

O evolucionismo é outro conceito científico que a *Nova Era* adotou em sua cosmologia. Não se trata da visão darwiniana original da evolução, resultado de processos causais aleatórios. Trata-se de uma reinterpretação teleológica de que há um destino predeterminado, ou de que o cosmo é governado por uma inteligência/força com tendência à auto-organização. Esse processo aconteceria nos indivíduos, no planeta, no sistema solar e no próprio universo (HANEGRRAFF, 1996). Em nível individual, a evolução seria um processo natural de desenvolvimento do *self*, que pode continuar em reencarnações sucessivas, mediante o cultivo de pensamentos, sentimentos e atos. A noção de que cada um é parte do todo leva a concepções de que a soma das consciências individuais em evolução promoverá uma nova consciência planetária e um estado de harmonia da humanidade com as forças da natureza (GUERRIERO *et al.*, 2016).

A cosmologia da *Nova Era* vai muito além do que aqui foi apresentado. Para o escopo dos objetivos desse artigo, todavia, as informações aqui compiladas são suficientes para entender uma possível racionalidade médica novaerista. É com base nessa cosmologia que as outras cinco dimensões responderão, organizando sua lógica por trás de suas concepções de saúde, cura, doença, corpo e como tudo isso funciona no processo terapêutico da *Nova Era*.

#### 4. Morfologia.

A dimensão da morfologia diz respeito às estruturas do corpo e seus elementos constitutivos. A principal observação nos textos acadêmicos que abordam a saúde no movimento da *Nova Era* é a noção de quadrinidade. O corpo é compreendido como dividido em quatro estruturas principais interdependentes: (1) o corpo físico, também chamado de corpo material ou simplesmente *corpo*, (2) o corpo emocional, também referido como *a criança*, corpo psicológico ou emoções, (3) o corpo mental, também nomeado como intelecto, dimensão racional ou mente, e (4) o corpo espiritual, também intitulado *self*, essência humana ou espírito.

Por vezes são notadas variações no número e no nome dessas partes, dependendo das fontes analisadas. Há sistemas terapêuticos novaeristas que dividirão a morfologia em três ou dois corpos, ao passo que alguns novaeristas concebem o ser humano em mais do que quatro corpos. Contudo, uma leitura promenorizada dessas divisões divergentes permite compreender que a noção de *corpo*, *mente*, *emoção* e *espírito* – ainda que com outros nomes e outras divisões –, é uma constante no meio das curas da *Nova Era*. Em alguns casos *mente* e *emoção* são compreendidas como sendo uma

única coisa. Em outros, o *espírito* é dividido em *spirit* e *alma*. Mas a ideia central se mantém de alguma forma. A quadrinidade foi objetivamente citada por Hanegraaff (1996, p. 54), Tavares (2002, p. 328), Fuller (2005, p. 3851), Hammer (2006, p. 856) e Cornejo Valle e colaboradores (2014, p. 4489). Nos outros autores estudados, ainda que a divisão em quatro partes não seja descrita formalmente, a noção de holismo é utilizada para fundamentar essa concepção corporal.

Uma das grandes características que a quarta estrutura, o espírito, promove à compreensão morfológica novaerista é de que o corpo humano é modelado por um universo mais amplo, integrado com a dimensão religiosa, indo na contramão da medicina alopática, que tende a ignorá-la (Hanegraaff, 1996). Nesse sentido, a relação que os novaeristas terão com o corpo, e por consequência a intervenção terapêutica sobre esse corpo, passa por uma leitura espiritualizante que pode parecer inapropriada aos alopatas.

Conforme explica Hammer (2006), através da visão holística os novaeristas consideram que o todo está espelhado nas partes. Nesse sentido, cada uma das dimensões corporais refletiria as outras. Hanegraaff (1996) cita o papel do sistema imunológico em estabelecer a conexão entre cada uma das quatro estruturas. Da mesma forma que o estresse e outros fatores psicológicos influenciam o organismo físico através da imunidade, doenças físicas também podem ser curadas por mudanças nas condições psíquicas que as causam e influenciam o sistema imunológico. Em termos mais simples, citando o exemplo de Hammer (2006), os novaeristas consideram que ao tratar o corpo físico o espírito pode ser curado, e ao tratar o espírito o corpo físico pode ser curado. E o responsável por essa relação seria o sistema imunológico.

Com isso, uma importante característica da concepção de corpo nas terapias da *Nova Era* é identificada: a crença de que o organismo possui uma *anatomia oculta*, utilizando a terminologia proposta por Hammer (2006). Essa *anatomia oculta* é entendida de múltiplas formas, que mudam de acordo com o grupo estudado. Podem ser os *cakrás* das medicinas indianas, os campos áuricos ou corpos astrais, a concepção bastante difusa de *energia vital*, como também, conforme apresentado por Hanegraaff (1996), pode ser o simbolismo das doenças. Nesse sentido, desvendar a *anatomia oculta* – que sempre é metaempírica na *Nova Era* – auxiliaria no entendimento de sua dinâmica vital, sendo essencial a uma intervenção terapêutica adequada na *Nova Era*.

## 5. Dinâmica vital.

Em uma racionalidade médica, a dinâmica vital é o estado de saúde dentro de um padrão de normalidade, ou seja, as funções de cada parte morfológica

e como se espera que funcionem quando o indivíduo se encontra saudável. Na *Nova Era*, a dinâmica vital diz respeito, justamente, aos elementos integradores dos corpos: as energias, espíritos ou forças da natureza que agem para que corpo, mente, emoções e espírito se constituam.

Fuller (2005) apresenta algumas explicações para a forma como os corpos se interligam na concepção de saúde novaerista, algumas das quais são anteriores ao movimento da *Nova Era* em si, mas influenciaram diretamente a forma como seus terapeutas compreendem o estado de saúde e de doença. Nesse quesito, é importante lembrar que a tese central de Hanegraaff (1996) sobre o movimento da *Nova Era* é justamente de que constitui a secularização de sistemas esotéricos que lhe são anteriores.

Uma das vertentes que influenciou bastante a *Nova Era* é o mesmerismo, cuja crença em um fluido invisível, que permeia todas as criaturas e que pode ser passado de um objeto a outro, influenciou diretamente a convicção na força do pensamento que conecta as pessoas à força vital (FULLER, 2005). Ao novaerista, tudo o que acontece, é pensado, sentido ou feito repercute em todo o universo. Portanto, o todo afeta as partes da mesma forma que as partes afetam o todo. Conforme exemplifica D'Andrea (2000, p. 38), *o micro está no macro, assim como o macro está no micro*.

Outra vertente é fruto de influências da teosofia, em especial de releituras de tradições asiáticas, como as noções de *prāṇa* e *qì*, que instilariam uma dimensão espiritual superior por trás de todo processo vital. Isso levou à crença em uma energia universal que é entendida na *Nova Era* como a principal fonte de vitalidade. Essa energia seria inata e é, em si, um segmento da inteligência que ordena o universo (FULLER, 2005). Assim como nas medicinas asiáticas<sup>3</sup>, a *Nova Era* também concebe que essas energias corporais, que possuem correspondência com as energias ambientais, fluem através de canais integrados, que conectam as diferentes partes do corpo (HAMMER, 2006; D'ANDREA, 2000).

D'Andrea (2000) declara que não há muita distinção em como essa energia é chamada na *Nova Era*, podendo receber diversos nomes segundo o grupo abordado: orgônio, bioenergia, energia sutil, *qì*, *prāṇa* etc. Contudo, a concepção de energia, em si, é algo basilar e estruturante, sendo um recurso universal manipulável na terapêutica novaerista. A energia seria a responsável por interligar indissociavelmente os corpos, a natureza e o cosmo, exercendo papel mediador da vida, com substrato a um só tempo material e espiritual.

---

<sup>3</sup> O próprio autor observa que a concepção de meridianos é oriunda da China, mas foi incorporada e naturalizada no sistema terapêutico complexo da *Nova Era*.

## 6. Doutrina médica.

A doutrina médica é a dimensão que estabelece a relação entre saúde e doença, formulando concepções teóricas sobre as causas e a natureza do adoecimento. É o que define aquilo que é passível de tratamento em uma racionalidade médica (Nascimento, Barros, Nogueira, 2013). Os sistemas de saúde novaeristas são muito heterogêneos, o que torna difícil expressar uma unidade de doutrina médica, dadas as muitas práticas observadas. No entanto, é possível identificar alguns princípios que são aplicados a todas elas.

Conforme citado anteriormente, o holismo é um dos mais importantes constituintes cosmológicos da *Nova Era*, do qual se originam diferentes traços da doutrina médica novaerista. *Grosso modo*, na *Nova Era* se fala de saúde holística, de cura integral e de cuidar ao mesmo tempo da dimensão física, mental, emocional e espiritual das pessoas (CORNEJO VALLE, 2013). Fatores psicológicos podem perturbar o organismo físico e causar doenças, ao passo que ao mudar as condições psicológicas que as causaram, as doenças físicas podem ser curadas. Além disso, como é atribuído ao indivíduo o poder de manipular a própria realidade, a saúde pode ser equiparada à boa sorte, prosperidade, amor e um lar tranquilo, enquanto a doença pode ser associada também a eventos sociais indesejados, à pobreza e ao desemprego. A noção de saúde na *Nova Era*, assim, depende do que o sujeito *atrai* para a sua vida (HANEGRRAFF, 1996).

É de interesse do indivíduo seu crescimento pessoal, e para isso uma busca constante por novas práticas e crenças é uma característica corriqueira nos sistemas de cura novaeristas (Cornejo Valle, 2013). A doença passa a ser um instrumento de aprendizado que permite o crescimento interior: o doente deve encontrar o significado mais profundo de sua enfermidade ao invés de assumir o papel passivo de vítima. O foco é transposto da doença para o indivíduo, considerado sempre único. É central, ainda, a noção de responsabilização do sujeito por sua doença, pois cada um cria a sua realidade e, portanto, seu estado de saúde (HANEGRRAFF, 1996).

Uma das principais formas de explicar a doença na *Nova Era* se baseia na existência de uma dualidade no ser humano: por um lado existe o *self*, e por outro há o *ego*. O *self* é o eu superior, a parte espiritual, infinita, sagrada, divina e mais verdadeira da pessoa, enquanto o *ego* é o eu inferior, profano, temporário, finito e ilusório. Hábitos e postura inadequados, contrários à evolução espiritual, fazem parte da personalidade egoica, que é provisória e deve ser transcendida (D'Andrea, 2000). O *ego* é considerado a causa do sofrimento, das doenças e da desarmonia. Como na *Nova Era* há a crença de que através do pensamento

criamos nossa própria realidade, se a pessoa sucumbe aos pensamentos negativos, toda a sua realidade se torna temerosa. Mas se consegue emergir seu *self*, seu mundo se torna um lugar abençoado, cheio de milagres (HAMMER, 2006).

A noção de energia, citada na seção anterior, também é central na doutrina médica novaerista. Existe a concepção de que um desequilíbrio entre a energia pessoal e a energia do ambiente influencia negativamente na saúde (D'ANDREA, 2000). Assim, a cura é alcançada ao harmonizar as energias do corpo com as da natureza, o interno com o externo, ou ajudá-las a encontrar seu próprio equilíbrio energético (Amaral, 2000). Segundo esse modelo, quando o calor, o frio, *doças, yīnyáng*, os humores ou os quatro elementos estão em um equilíbrio apropriado à idade e à condição do indivíduo em seu ambiente, a saúde prevalece (Hanegraaff, 1996).

## 7. Sistema diagnóstico.

Conforme foi citado, na medicina alopática o sistema de diagnóstico é focado na localização de fatores patógenos, com uma abordagem predominantemente materialista. Mas em uma medicina vitalista, *toda doença é fruto de um desequilíbrio de forças naturais (materiais) e espirituais (imateriais)* (LUZ, 2012, p. 42). Sendo o sistema complexo de cura novaerista também uma forma de medicina vitalista, seus diagnósticos também se preocupam em identificar rupturas de harmonia e, conseqüentemente, quebras de certa ordem cósmica que ocasionam o estado patológico.

De modo geral, os pesquisadores, que abordam saúde no movimento da *Nova Era*, apontam a diagnósticos com tendências à valorização do subjetivismo, com ênfase em análises psicologizantes dos processos de saúde e doença. O indivíduo – tanto o terapeuta quanto a pessoa atendida – é guiado por suas emoções e sensações na hora de interpretar as revelações / conhecimentos adquiridos durante sua experiência de doença, por uma perspectiva interpretativa que pode combinar diferentes sistemas: cristianismo, religiões asiáticas, esoterismo e, não raro, até mesmo saberes biomédicos (CORNEJO VALLE, 2014).

Essa busca pelo diagnóstico no contexto da *Nova Era* é marcada por uma experiência espiritual fragmentada e difusa, advinda das múltiplas experiências e buscas pela resposta ao mal-estar. É um sistema diagnóstico emotivo e sensorial, com grandes vistas ao desenvolvimento espiritual e ao autoconhecimento. A coerência com certo sistema de crenças não importa tanto quanto a coerência pessoal da experiência religiosa (CORNEJO VALLE, 2014).

Duas pessoas com uma *mesma patologia podem receber diagnósticos muito* distintos de um mesmo terapeuta novaerista, sob a égide de que por mais que

a doença seja a mesma, seus processos de crescimento pessoal e espiritual são diferentes, pois se tratam de dois sujeitos independentes. No sistema médico complexo da *Nova Era*, há uma forte valorização da singularidade, que converge à elaboração de um universo semântico próprio de diagnose (D'ANDREA, 2000).

O grande foco jaz nos problemas existenciais. A falta de vitalidade ou de criatividade, ou até mesmo a *normalidade* da vida cotidiana podem ser entendidos como falta de saúde. Além disso, não é incomum a utilização de divinação para a elaboração de diagnósticos. O tarô, a astrologia, *runas* e *yi jing* são empregados não como simples oráculos, mas como ferramentas que permitem leituras psicologizadas da pessoa atendida (HAMMER, 2006). No bojo dessas percepções jaz um diagnóstico que leva em consideração o quanto de *crescimento pessoal* foi atingido pelo sujeito, e a partir do que é determinado, nessas leituras, a proposta terapêutica é traçada.

## 8. Sistema terapêutico.

Existe uma plethora de possibilidades de aplicação terapêutica dentro do sistema médico complexo da *Nova Era*. Acupuntura, *biofeedback*, quiropraxia, cinesiologia, homeopatia, iridologia, vários tipos de massagens e trabalhos corporais, meditações e visualizações, dietas, plantas medicinais, remédios florais, cura por cristais, arteterapia, musicoterapia e terapias de reencarnação são alguns das várias práticas identificadas pelos autores (HANEGRRAFF, 1996; D'ANDREA, 2000; HAMMER, 2006). Nesse sentido, ao tratar de uma racionalidade médica novaerista, pouco importa a prática utilizada pelo terapeuta. O que distingue o sistema terapêutico novaerista da utilização das mesmas técnicas por outras racionalidades médica é sua constante busca pelo empoderamento do doente como a autoridade de seu processo de cura (CORNEJO VALLE, 2013).

Segundo Amaral (2000), toda prática terapêutica na *Nova Era*, seja ela qual for, visa à remoção dos obstáculos que impedem a harmonização das energias do corpo com as energias da natureza. Apesar de haver grande valorização da capacidade da natureza em encontrar seu próprio equilíbrio, o discurso comum no meio novaerista é de que em alguns casos é necessário intervir, para ajudar a natureza a encontrar seu caminho e reestabelecer a saúde. A função do terapeuta jaz justamente em promover esse impulso, entretanto a cura propriamente dita é reestabelecida pelo próprio doente.

Tais preocupações se refletem na maneira como os processos de doença são atendidos e suas técnicas de manejo terapêutico. De modo geral, a cura novaerista é regida por processos mentais: viagens neoxamânicas, visualizações

guiadas, busca por sentidos ocultos por trás dos sintomas das doenças e a reeducação da mente/consciência são o cerne da terapia (HANEGRAFF, 1996; AMARAL, 2000; HAMMER, 2006). Além disso, da mesma forma que são utilizados para fechar os diagnósticos, Hammer (2006) cita que a astrologia e o tarô são também empregados para acessar o *self* e promover o processo de cura / *insights* dos pacientes. Os oráculos deixam de serem simplesmente oráculos, passando a ser ferramentas de terapia através da interpretação psicologizada.

Conforme relata D'Andrea (2000, p. 40), o objetivo é proporcionar uma mudança da consciência do paciente, sintonizando-o com o seu lado divino (*self*). A meditação, a contemplação ou até mesmo atividades artísticas podem ser utilizadas para promover expansões de consciência que permitam o acesso a essa *ordem superior*. Em alguns casos, uma percepção alterada da realidade pode ser vista como a chave para a compreensão dessas lições arquetípicas, conectando o sujeito com o amor e a plenitude necessários para promover seu processo de cura.

Outra grande preocupação da terapia da *Nova Era* é resgatar o equilíbrio energético dos sujeitos, seja de suas energias psíquicas, seja com as energias ambientais. Essa energia pode ser manipulada através de instrumentos, cristais, plantas, da imposição de mãos ou com o poder do pensamento (D'ANDREA, 2000). Uma vez que o doente aprende a sintonizar-se com as energias e pensamentos positivos por conta própria, torna-se o senhor de seu próprio processo, o que é visto como o objetivo máximo da terapia novaerista.

É necessário ressaltar, em conclusão, que muitas formas de intervenções corporais são também encontradas nos meios novaeristas. Existem grupos cujo foco no corpo físico é observado em exercícios, dietas, ingestão de plantas, massagens e até mesmo outros tipos de ferramentas, como a reflexologia, a geoterapia e as terapias hídricas. Porém, nos campos novaeristas essas práticas sempre mantêm uma compreensão energética e psicologizada, indo ao encontro da doutrina médica e da dinâmica vital novaerista. Entre terapeutas novaeristas, a própria justificativa pelo emprego dessas técnicas subentende o pensamento holístico, visto pautar-se na concepção de que ao tratar o corpo físico, também as emoções, a mente e o espírito do doente são curados.

## Conclusão.

O presente estudo teve como objetivo investigar se o modelo de cura do movimento da *Nova Era* poderia ser entendido sob a óptica das categorias analíticas de uma racionalidade médica. *Para tanto, foram investigadas publicações acadêmicas sobre o sistema de cura de círculos novaeristas, identificando nas*

produções desses pesquisadores como se articula o entendimento de saúde no movimento da *Nova Era*, elencando ideias que poderiam ser distribuídas entre cada uma das seis categorias de uma racionalidade médica.

O estudo aponta à possibilidade de entender o sistema de cura novaerista como uma racionalidade médica. Todavia, o ideal seria que pesquisas de campo fossem realizadas para confirmar esses dados. Os trabalhos do grupo de Luz, a criadora do conceito, possuem um caráter comparativo das práticas de saúde das racionalidades médicas, e muito do que foi produzido foi diretamente aplicado aos sistemas públicos de saúde, por meio da Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Nesse sentido, é compreendido que a pesquisa de campo, visando essa identificação e comparação do sistema médico da *Nova Era*, é necessária para que se possa, de fato, confirmar o sistema médico complexo novaerista como uma racionalidade médica.

Atenta-se que, conforme apresentado no início desse artigo, o desafio de identificação dos grupos novaeristas na sociedade brasileira é grande, visto que o que pode ser considerado, academicamente, como *Nova Era* nem sempre será reconhecido por seus agentes com essa nomenclatura. Grupos que pelos critérios de Hanegraaff (1996; 2005) ou Guerriero e colaboradores (2016) poderiam ser classificados como novaeristas, provavelmente não aceitariam esse termo para si, e poderiam até mesmo questionar ou se ofender com essa identificação. Se futuros pesquisadores não levarem isso em consideração, possivelmente enviarão suas pesquisas antes mesmo de terem sido aplicadas.

Para finalizar, ressalta-se a importância de que mais estudos sobre as interfaces entre religião e saúde sejam feitos pela ciência da religião brasileira, não apenas sobre a questão da *Nova Era* ou das racionalidades médicas, mas de modo geral. Esse tema não tem sido devidamente explorado pelos cientistas da religião no Brasil como em outras partes do mundo. Atualmente quase toda discussão sobre espiritualidade e saúde no país parte de pesquisadores de outras áreas. Espiritualidade é um tema central à ciência da religião. Nós também precisamos ser produtores de conhecimento sobre essa temática na saúde.

## Referência bibliográfica.

AMARAL, L. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORNEJO VALLE, M. El individualismo en los nuevos itinerarios de conversión: la relevancia de la Nueva Era como re-aprendizaje religioso. In: CAEROLS, J. J. (Ed.) *Religio in labyrintho: encuentros y desencuentros de religiones en sociedades complejas*. Madrid: Escolar y Mayo, 2013, p. 335-349.

- CORNEJO VALLE, M. *et al.* El incómodo vínculo entre medicina y fe. In: CONGRESO DE ANTROPOLOGÍA DE LA FEDERACIÓN DE ASOCIACIONES DE ANTROPOLOGÍA DEL ESTADO ESPAÑOL, 13., 2014, Tarragona. *Anais...* Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2014, p. 4485-4492.
- D'ANDREA, A. A. F. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais.* São Paulo: Loyola, 2000.
- GUERRIERO, S. *et al.* Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo *ethos*. In *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2016, p. 9-30.
- GUERRIERO, S.; STERN, F. L.; BESSA, M. de Q. A difusão do *ethos* Nova Era e o declínio de seus estudos acadêmicos no Brasil. In *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 16, n. 3, 2016, p. 9-39.
- FULLER, R. C. Healing and medicine: healing and medicine in the New Age. In: JONES, L. (Ed.). *Encyclopedia of religion*. 2ª ed. Farmington: Thomson Gale, 2005, v. 6, p. 3848-3852.
- HAMMER, O. New Age Movement. In: HANEGRAAFF, W. J. (Ed.). *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Leiden, Brill, 2006, p. 855-861.
- HANEGRAAFF, W. J. *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996, p. 42-61.
- HANEGRAAFF, W. J. New Age spiritualities as secular religion: a historian's perspective. In *Social Compass*, London, v. 46, n. 2, 1999, p. 145-160.
- HANEGRAAFF, W. J. New Age movement. In: JONES, L. (Ed.). *Encyclopedia of religion*. Farmington: Thomson Gale, 2005, 2ª ed., v. 10, p. 6495-6500.
- LAPLANTINE, F. *Antropologia da doença*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- LUZ, M. T. Racionalidades médicas e terapêuticas alternativas. In: *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 7, p. 109-128, 1995.
- LUZ, M. T. *Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre as racionalidades médicas e atividades corporais.* São Paulo: Hucitec, 2005.
- LUZ, M. T. *Contribuição do conceito de racionalidade médica para o campo da saúde coletiva: os estudos comparativos de sistemas médicos complexos.* Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- LUZ, M. T. Estudo comparativo de racionalidades médicas: medicina ocidental contemporânea, homeopática, chinesa e ayurvédica. In: LUZ, M. Th.; BARROS, N. F. de (Orgs.). *Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos.* Rio de Janeiro: UERJ, 2012, p. 25-47.
- LUZ, M. T.; BARROS, N. F. *Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde: estudos teóricos e empíricos.* Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- MENDONÇA, I. M. F. *Diálogo entre religiosidades espíritas e terapias alternativas: as práticas e crenças da apometria em Juiz de Fora.* Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2013.
- NASCIMENTO, M. C. do; BARROS, N. F. de; NOGUEIRA, M. I.; LUZ, M. T. A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. In *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 12, 2013, p. 3595-3604.
- PESSOA JR., O. O fenômeno cultural do misticismo quântico. In: FREIRE JR., O.;

PESSOA JR., O. ; BROMBERG, J. L. (Orgs.). *Teoria Quântica: estudos históricos e implicações culturais*. Campina Grande-São Paulo: EDUEPB-Livraria da Física, 2011, p. 279-302.

SMUTS, J. C. *Holism and evolution*. Moskva: Ripol Klassik, 1927.

SULLIVAN, L. E.; SERED, S. Healing and medicine: an overview. In: JONES, L. (org.). *Encyclopedia of religion*. 2ª ed. Farmington: Thomson Gale, 2005, v. 6, p. 3808-3016.

TAVARES, F. R. G. A diversidade da rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro. *In Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2002, p. 325-344.

TESSER, C. D.; LUZ, M. T. Racionalidades médicas e integralidade. *In Revista Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 195-206, 2008.

TESSER, C. D.; BARROS, N. F. Medicalização social e Medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do sistema único de saúde. *In Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 914-920, out. 2008.

TONIOL, R. F. *Do espírito na saúde: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil*. 2015. 302 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015a.

TONIOL, R. F. Espiritualidade que faz bem: pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. *In Sociedad y Religión*. Buenos Aires, v. 15, n. 43, 2015b, p. 110-143.

WOODHEAD, L.; HEELAS, P. L. F. *Religion in Modern Times: an interpretive anthology*. Oxford: Blackwell, 2000.

## Anexo: Tabela da racionalidade médica novaerista

Cosmologia	Doutrina médica	Morfologia
Cosmologia novaerista: <ul style="list-style-type: none"> <li>Paradigma holístico;</li> <li>Esoterismo secularizado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teoria energética;</li> <li>Teoria da força do pensamento.</li> </ul>	Quadrinidade: <ul style="list-style-type: none"> <li>Corpo;</li> <li>Emoção;</li> <li>Mente;</li> <li>Espírito.</li> </ul>
Dinâmica vital	Sistema diagnóstico	Sistema terapêutico
Elementos integradores da quadrinidade: <ul style="list-style-type: none"> <li>Energia;</li> <li>Forças da natureza.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Subjetivismo;</li> <li>Anamnese/análise psicologizada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Técnicas de manejo da energia;</li> <li>Técnicas para promoção de expansão da consciência.</li> </ul>

Fonte: elaboração dos autores (2017).